

## PRINCÍPIOS PARA O DESENVOLVIMENTO DE UMA TEORIA DA DEFINIÇÃO LEXICOGRÁFICA

Félix BUGUEÑO MIRANDA\*  
Virginia Sita FARIAS\*\*

- **RESUMO:** A definição das palavras é o principal tipo de informação procurada em dicionários semasiológicos, desempenhando, dessa forma, o papel mais importante no interior da microestrutura dessas obras. Entretanto, e a despeito dos inúmeros estudos que tratam do problema da definição sob as mais diversas perspectivas, ainda não contamos com uma “teoria geral da definição lexicográfica”. É possível identificar duas questões essenciais que, em parte, ajudam a explicar essa lacuna no âmbito da pesquisa lexicográfica. Em primeiro lugar, é muito difícil definir o que se entende por “significado”. Em segundo lugar, a metalexicografia oferece uma variada gama de possibilidades de reescrita do conteúdo semântico das unidades léxicas. Em vista disso, o objetivo do presente estudo é propor os princípios para o desenvolvimento de uma teoria da definição lexicográfica. Para tanto, apresentamos e discutimos três parâmetros básicos: (a) uma taxonomia de paráfrases explanatórias, (b) os padrões sintáticos para a redação das paráfrases explanatórias e (c) os modelos semânticos.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Lexicografia. Definição lexicográfica. Taxonomia de paráfrases. Padrão sintático. Modelo semântico.

### Introdução

Segundo Hartmann (2001), Jackson (2002) e Lew (2009), o significado seria a informação mais procurada pelos consulentes em dicionários semasiológicos<sup>1</sup>. Dessa forma, a definição é tradicionalmente considerada o segmento mais

---

\* UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras – Departamento de Línguas Modernas. Porto Alegre – RS – Brasil. 91540-000 – felixv@uol.com.br.

\*\* UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras – Departamento de Línguas Modernas. Porto Alegre – RS – Brasil. 91540-000 – virginiafarias@terra.com.br. Bolsista de doutorado CNPq.

<sup>1</sup> A distinção entre semasiologia e onomasiologia fundamenta-se no ponto de partida do ato da consulta, o significante ou o significado, respectivamente (BALDINGER, 1985), e possibilita estabelecer uma oposição entre dicionários semasiológicos e onomasiológicos. Os dicionários semasiológicos têm como principal característica apresentar paráfrases definidoras, enquanto os dicionários onomasiológicos distinguem-se pelo estabelecimento de relações conceituais entre as palavras, a exemplo do *thesaurus*, dos dicionários de sinônimos / antônimos, dos dicionários pela imagem, ou mesmo dos dicionários bilíngues (HARTMANN; JAMES, 2001, s.v. *semasiological dictionary*; s.v. *onomasiological dictionary*).

importante no interior da microestrutura desse tipo de obra.<sup>2</sup> O termo *definição* pode ser conceituado *grosso modo* como o resultado da reescrita do conteúdo semântico de uma dada expressão linguística (BUSSMANN, 1983, s.v. *Definition*; MARTÍNEZ DE SOUZA, 1995, s.v. *definición lingüística*; HARTMANN; JAMES, 2001, s.v. *definition*). Com base nisso, dever-se-ia estabelecer, no interior do verbete, uma equivalência ou igualdade entre o signo-lema (unidade léxica definida) e a paráfrase resultante da reescrita do seu conteúdo semântico (definição). Essa relação de igualdade é chamada por Lara (1996) de “equação sêmica” [*ecuación sémica*].

É forçoso reconhecer, no entanto, que conceituar o termo *definição* é muito mais difícil do que, em um primeiro momento, pode parecer. Nesse sentido, deve-se considerar, por um lado, a ausência de uma definição clara a respeito do que se entende por “conteúdo semântico” ou “significado” de uma expressão linguística (BUGUEÑO MIRANDA; FARIAS, 2010) e, por outro lado, a existência de uma variada gama de possibilidades de reescrita desse “conteúdo” (BUGUEÑO MIRANDA, 2009). Em razão disso, não obstante o número expressivo de trabalhos que tratam de problemas relacionados à definição lexicográfica sob as mais diversas perspectivas<sup>3</sup>, ainda não existe o que poderíamos chamar de uma “teoria geral da definição lexicográfica”.

De acordo com Bugueño Miranda (2009), uma teoria da definição deveria fundamentar-se em três parâmetros:

- a) uma taxonomia de paráfrases definidoras;
- b) um padrão sintático;
- c) um modelo semântico.

Este trabalho, na condição de estudo piloto, pretende discutir as principais questões atinentes a cada uma das variáveis arroladas. Nosso objetivo é lançar os princípios e demarcar os limites para o desenvolvimento, em longo prazo, de uma teoria da definição lexicográfica.

## **A taxonomia de paráfrases definidoras<sup>4</sup>**

A classificação tipológica das paráfrases definidoras apresentada em Bugueño Miranda (2009) fundamenta-se em dois parâmetros básicos: (a) a perspectiva do ato da comunicação adotada e (b) a metalinguagem empregada.

---

<sup>2</sup> Confira Hausmann (1989); Landau (2001).

<sup>3</sup> Alguns desses trabalhos são de Zgusta (1971), Pottier (1977), Haensch et al. (1982), Bosque (1982), Werner (1984), Svénson (1993), Biderman (1993), Martínez de Souza (1995, s.v. *definición lingüística*), Seco (2003), Geeraerts (2003) e Beneduzi, Bugueño e Farias (2005).

<sup>4</sup> Esta seção sintetiza o exposto em Bugueño Miranda (2009).

## ***A perspectiva do ato da comunicação***

A perspectiva do ato da comunicação, ou seja, a recepção ou a produção linguística, determina o ponto de partida do ato da consulta, que deverá ser, respectivamente, o significante ou o significado. A partir dessa distinção fundamental, é possível estabelecer a oposição entre semasiologia e onomasiologia (BUSSMANN, 1983, s.v. *Onomasiologie*; s.v. *Semasiologie*; BALDINGER, 1985; HARTMANN; JAMES, 2001, s.v. *onomasiology*; s.v. *semasiology*; GEERAERTS, 2003; MANKEL, 2001). No que diz respeito à formulação das paráfrases definidoras, a oposição gerada entre semasiologia e onomasiologia conduz a concepções divergentes do signo linguístico, permitindo que se obtenha uma nova oposição, dessa vez entre intensão e extensão, respectivamente (BUGUEÑO MIRANDA, 2009).

1. Concepção intensional do signo linguístico (perspectiva semasiológica): A intensão corresponde ao conjunto de traços que caracterizam uma determinada entidade (BUSSMANN, 1983, s.v. *Intension*; ULRICH, 2002, s.v. *Intension*; GEERAERTS, 2003; GLÜCK, 2005, s.v. *Intension*). Uma definição intensional é, portanto, a que enumera os principais semas de determinada unidade léxica (MARTÍNEZ DE SOUZA, 1995, s.v. *definición intensional*; HARTMANN; JAMES, 2001, s.v. *intensional definition*).

Em Bugueño Miranda (2009), distinguem-se dois tipos de paráfrases intensionais. O primeiro tipo é a paráfrase definidora analítica, que expressa o conteúdo semântico de uma dada unidade léxica por meio de uma proposição. A paráfrase definidora intensional analítica por excelência é a definição por *genus proximum + differentiae specificae*.<sup>5</sup>

**donna** s.f. 1 *Essere umano adulto di sesso femminile [...]*. (PCDIt, 2009, s.v. *donna*).

O segundo tipo de paráfrase intensional é a sinonímica. As definições sinonímicas são as que expressam o conteúdo semântico de uma dada unidade léxica por meio da substituição dessa unidade por um ou mais sinônimos (MARTÍNEZ DE SOUZA, 1995, s.v. *definición por sinónimos*)<sup>6</sup>:

**angustia** [...] 1. f. *Aflicción, congoja, ansiedad. [...]* (DRAEe, 2001, s.v. *angustia*).

---

<sup>5</sup> Em conformidade com Hartmann (2001) e seguindo a tendência da metalexigrafia europeia, em vez da *Harvard Citation* (autor, ano, página), usaremos abreviaturas para as citações de dicionários.

<sup>6</sup> A definição por meio de sinônimos é considerada um vício por alguns autores, como, por exemplo, Martínez de Souza (1995, s.v. *definición lingüística*) e Landau (2001).

Uma paráfrase sinonímica pode ser considerada intensional, na medida em que se entende por paráfrase uma “reescrita do significado de uma expressão linguística por meio de uma outra expressão ou por meio de várias outras expressões de uma mesma língua”<sup>7</sup> (ULRICH, 2002, s.v. *Paraphrase*, tradução nossa). Além disso, pode-se também levar em conta que à explanação do significado por meio de um ou mais sinônimos, de modo similar ao que ocorre com a explanação por meio de uma proposição, subjaz uma análise componencial do significado (ZGUSTA, 1971). Deve-se notar, contudo, que não existe um consenso a respeito, de tal forma que é possível encontrar autores para os quais a definição sinonímica é tida como uma paráfrase extensional, como veremos a seguir.

2. Concepção extensional do signo linguístico (perspectiva onomasiológica): A extensão diz respeito aos referentes que são designados por uma dada expressão linguística (BUSSMANN, 1983, s.v. *Extension*; GEERAERTS, 2003; GLÜCK, 2005, s.v. *Extension, extensional*), de forma que uma definição extensional é a que “aponta” para os referentes, não para o significado (MARTÍNEZ DE SOUZA, 1995, s.v. *definición extensional*; HARTMANN; JAMES, 2001, s.v. *extensional definition*). Assim, pois, de acordo com Geeraerts (2001), a extensão pode ser compreendida de duas maneiras: (a) como um problema de designação de um referente extralinguístico e (b) como um problema de categorização, ou seja, de inclusão do referente em uma determinada categoria.

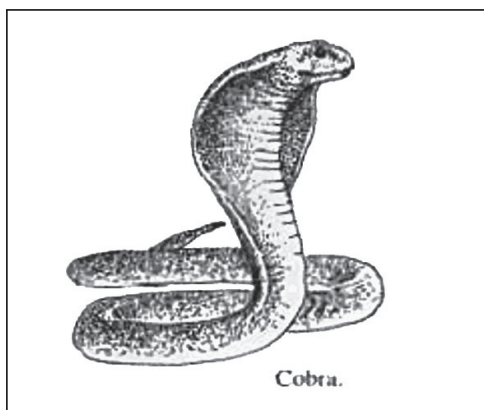
Em Bugueño Miranda (2009), distinguem-se dois tipos de paráfrases extensionais. O primeiro deles é a paráfrase sinonímica. Uma definição por sinônimos também pode ser considerada uma definição extensional, uma vez admitida a existência de um *tertium comparationis* implícito entre o signo-lemma e o sinônimo. Nesse caso, signo-lemma e sinônimo constituiriam duas designações para um mesmo conteúdo semântico (CASAS GÓMEZ, 1995; HARTMANN; JAMES, 2001, s.v. *onomasiological dictionary*):

**Apfelsine** die; -, -n ≈ Orange (LaGWDaF, 2008, s.v. *Apfelsine*).

O segundo tipo é a substituição ostensiva, consistente na associação de uma imagem a uma dada designação. Bugueño Miranda (2009) opta por designar essa técnica definitória como “substituição ostensiva” em vez de “definição ostensiva” [*ostensive Definition*], termo empregado em Schläefer (2002), fundamentando sua opção no fato de não se poder falar, nesses casos, em uma “definição” ou “paráfrase” propriamente tais.

---

<sup>7</sup> [Wiedergabe der Bedeutung eines sprachl. [sc. sprachlichen] Ausdrucks durch einen anderen Ausdruck oder durch mehrere andere Ausdrücke derselben Sprache].



**Figura 1** – Exemplo de substituição ostensiva.

**Fonte:** DILE (2003).

Além dos dois tipos de definição de caráter extensional discriminados em Bugueño Miranda (2009), a análise realizada em Farias (2009b) permitiu-nos constatar a existência de um terceiro tipo de paráfrase extensional, denominada enumerativa. Uma paráfrase definidora enumerativa é a que aponta para o(s) referente(s) extralinguístico(s), enumerando os membros mais típicos da categoria:

***reptile** [...] **Reptiles** are a group of cold-blooded animals which have skins covered with small hard plates called scales and lay eggs. Snakes, lizards, and crocodiles are reptiles. (CCLDe, 2003, s.v. *reptile*).*

## **A metalinguagem**

A informação sobre a unidade léxica no interior do verbete pode ser de dois tipos: o primeiro faz referência a essa unidade enquanto significante, e o segundo faz referência ao significado da mesma. Em vista disso, Seco (2003) estabelece uma distinção entre metalinguagem de primeiro enunciado (ou metalinguagem de signo) e metalinguagem de segundo enunciado (ou metalinguagem de conteúdo). A predicação em metalinguagem de signo e a predicação em metalinguagem de conteúdo diferem não somente pelo nível de informação, mas também pela forma como a mesma é apresentada, o que se vê refletido na própria segmentação da microestrutura.<sup>8</sup>

<sup>8</sup> A microestrutura dos dicionários encontra-se formalmente segmentada em comentário de forma [*Formkommentar*] e comentário semântico [*semantischer Kommentar*] (WIEGAND, 1989, p.434-440). O comentário de forma comporta informações relativas à representação gráfica e fonético-fonológica do signo-*lema*, enquanto o comentário semântico abriga informações referentes ao significado (HAUSMANN; WIEGAND, 1989; BUGUEÑO MIRANDA, 2004).

A oposição entre metalinguagem de signo e metalinguagem de conteúdo permite distinguir, respectivamente, entre paráfrases que exprimem o conteúdo semântico do signo-lema e paráfrases que explicam o seu emprego.

A. Paráfrase por metalinguagem de conteúdo: As paráfrases por metalinguagem de conteúdo (ou definições próprias, na terminologia de Seco (2003)) opõem-se às demais pelo fato de submeterem-se à prova da substituição. Entre as paráfrases por metalinguagem de conteúdo, estão as definições por *genus proximum + differentiae specificae* e as paráfrases sinonímicas, cujos exemplos foram apresentados anteriormente.

B. Paráfrases por metalinguagem de signo: As paráfrases por metalinguagem de signo (ou impróprias, na terminologia de Seco (2003)) são as que não permitem a aplicação da prova da substituição. De acordo com Bugueño Miranda (2009), as paráfrases por metalinguagem de signo podem ser de dois tipos: indicadoras de uso e extensionais. As paráfrases por metalinguagem de signo indicadoras de uso subdividem-se em morfossintáticas (informando sobre o emprego morfológico e / ou sintático do signo-lema, como no caso de *sino*<sup>2</sup> e *preñada*) e pragmáticas (informando sobre os contextos de aplicação do signo-lema, como no caso de *che*<sup>3</sup>):

**sino**<sup>2</sup> [...] **1.** conj. advers. U. para contraponer un concepto afirmativo a otro negativo anterior. No lo hizo Juan, sino Pedro. No quiero que venga, sino, al contrario, que no vuelva por aquí. No sentí alegría ninguna por él, sino, antes bien, pesadumbre. (DRAEe, 2001, s.v. *sino*<sup>2</sup>).

**preñada** [...] **1.** adj. Dicho de una mujer, o de una hembra de cualquier especie: Que ha concebido y tiene el feto o la criatura en el vientre. [...] (DRAEe, 2001, s.v. *preñada*).

**che**<sup>2</sup> interjección **RPlata, Bol** Exclamación que se usa con valor apelativo para dirigirse a una o varias personas a las que se trata de tú, vos o usted [...] (DUEAe, 2003, s.v. *che*<sup>2</sup>).

As paráfrases por metalinguagem de signo extensionais, por sua vez, também podem ser de dois tipos, tendo em vista a adoção de uma concepção de extensão como designação ou como categorização. Sob a perspectiva da extensão como designação, a paráfrase extensional indica ao usuário a qual (ou a quais) entidade(s) extralinguística(s) o signo-lema se aplica:

**lord** [...] (usually **the Lord**) [sing.] a title used to refer to God or Christ [...]. (OALD, 2005, s.v. *lord*).

Por sua vez, sob a perspectiva da extensão como categorização, a paráfrase extensional enumera os membros mais típicos da categoria:

**baga**<sup>1</sup> [...] 1 Rubrica: morfologia botânica. fruto simples, carnoso, indeiscente, freq. comestível, com um ou mais carpelos e sementes (p.ex., tomate, uva, mamão, goiaba etc.). (HouE, 2009, s.v. *baga*).<sup>9</sup>

## O padrão sintático das paráfrases definidoras

Os argumentos que justificam o estabelecimento de um padrão sintático para a formulação das paráfrases definidoras são: (a) a necessidade de se submeter as definições à prova da substituição (nos casos em que seja viável) e (b) a existência de paráfrases com um padrão redacional muito complexo. Para ilustrar, tomamos os seguintes exemplos:

**batizado** [...] 2. Fig. Diz-se de certos líquidos, especialmente o leite, adulterados pela adição de água ou de outro líquido. (AuE, 2009, s.v. *batizado*).

**marsopa** [...] 1. f. *Cetáceo parecido al delfín, de cerca de metro y medio de largo, cabeza redondeada con ojos pequeños y las narices en la parte más alta, boca grande de hocico obtuso y 24 dientes en cada lado de las mandíbulas, cuerpo grueso, liso, de color negro azulado por encima y blanco por debajo, dos aletas pectorales, una sola dorsal, y cola grande, robusta y ahorquillada.* (DRAE, 2001, s.v. *marsopa*).

No primeiro caso, AuE (2009, s.v. *batizado*) apresenta uma definição imprópria. Ao optar por uma formulação desse tipo, o dicionário evidencia sua preocupação em indicar a restrição de atribuição<sup>10</sup> do adjetivo em questão, mas, ao mesmo tempo, inviabiliza a prova da substituição. A definição de *marsopa*, por sua vez, além de ser muito longa e possuir um número bastante elevado de termos científicos, apresenta uma formulação linguística muito complexa. Confrontamos, assim, com uma impossibilidade prática de substituição.<sup>11</sup>

Tendo em vista a operação de substituição à qual devem submeter-se as definições sempre que possível, os parâmetros básicos que deverão orientar a proposta de formulação de padrões sintáticos para as paráfrases explanatórias são,

---

<sup>9</sup> A literatura especializada oferece uma relação bastante extensa de paráfrases explanatórias que não são passíveis de classificação de acordo com os parâmetros expostos anteriormente (BOSQUE, 1982; SCHLAEFER, 2002). Alguns exemplos são as paráfrases meronímicas, as antonímicas, as seriais, as mistas, as estipulativas, as taxonômicas e as morfossemânticas (BUGUEÑO MIRANDA, 2009).

<sup>10</sup> Há casos em que o adjetivo pode servir como atributo para toda uma classe, de forma que a atribuição pode ser expressa pelos vocábulos *algo* ou *alguém*, como é o caso, por exemplo, de *bonito*. Existem outros adjetivos, porém, que não podem ser atributos de qualquer substantivo, mas apenas de alguns com características semânticas específicas, como é o caso de *preñada* (cuja definição foi apresentada anteriormente), que pode caracterizar apenas seres vivos do sexo feminino. A essa indicação da classe ou grupo de substantivos aos quais os adjetivos podem servir de atributos, chamamos “restrição de atribuição”.

<sup>11</sup> Uma breve taxonomia dos principais problemas redacionais encontrados nas paráfrases definidoras é apresentada por Bugueño Miranda e Farias (2009).

novamente, (a) a oposição entre metalinguagem de conteúdo e metalinguagem de signo e (b) a oposição entre semasiologia e onomasiologia. O cruzamento desses parâmetros permite obter as seguintes coordenadas para a elaboração de padrões sintáticos aplicáveis à formulação das paráfrases definidoras: (i) modelos sintáticos para as paráfrases por metalinguagem de conteúdo, a partir de uma perspectiva semasiológica, e (ii) modelos sintáticos para as paráfrases por metalinguagem de signo, a partir de uma perspectiva onomasiológica. Temos, portanto, paráfrases intensionais no primeiro caso e paráfrases extensionais no segundo.

A elaboração de modelos sintáticos deve levar em conta, também, o modelo semântico que subjaz às paráfrases definidoras. Os dois modelos mais empregados são a semântica estrutural e a semântica prototípica, que se refletem na formulação, respectivamente, das paráfrases por *genus proximum + differentiae specificae* e das *whole-sentence definitions*:

**candy** [...] *sweet food made of sugar and / or chocolate, eaten between meals; a piece of this [...]* (OALD, 2005, s.v. *candy*).

**candy** [...] **Candy** *is sweet foods such as toffees or chocolate [...]* (CCLDe, 2003, s.v. *candy*).

Neste momento, restringir-nos-emos à elaboração de padrões sintáticos no marco da semântica estrutural.<sup>12</sup> Na terceira parte do trabalho, discutiremos a questão dos modelos semânticos no que concerne à formulação das paráfrases definidoras e a real pertinência da relação estabelecida entre cada uma das teorias e os padrões sintáticos.

Ressaltamos, por fim, que cada classe de palavras, em virtude de sua natureza e de seu comportamento morfossintático, exige um tipo diferente de definição (SVÉNSEN, 1993; MARTÍNEZ DE SOUZA, 1995, s.v. *definición lingüística*; LANDAU, 2001), razão pela qual se deve elaborar padrões distintos para cada categoria morfológica.

### ***Padrão sintático das paráfrases em metalinguagem de conteúdo***

A premissa fundamental subjacente à geração de modelos sintáticos para as paráfrases em metalinguagem de conteúdo é o cumprimento das condições de concisão, abrangência e circularidade, propostas por Martínez de Souza (1995, s.v. *definición lingüística*). Thumb (2004), por sua vez, aponta três razões que permitiriam refutar o princípio da circularidade. Em primeiro lugar, a substituição somente seria possível em alguns casos, devido à ausência

---

<sup>12</sup> A respeito dos padrões redacionais aplicados às *whole-sentence definitions*, confira Hanks (2003) e Rundell (2008).



de isomorfismo morfológico entre *definiens* e *definiendum*. Em segundo lugar, as paráfrases definidoras apresentadas nos dicionários costumam ser longas. Por fim, em terceiro lugar, nem todas as classes de palavras admitem tal procedimento. Deve-se salientar, contudo, que as ponderações de Thumb (2004), de forma alguma, invalidam a aplicação do princípio da circularidade proposto por Martínez de Souza (1995). Antes de tudo, para que a substituição seja possível, a paráfrase precisa ser breve, ou concisa, de acordo com o primeiro princípio exposto. Além disso, a abrangência garante o isomorfismo de categoria morfológica, imprescindível para a aplicação da operação de substituição. Convém lembrar, ainda, que a própria distinção entre metalinguagem de conteúdo e metalinguagem de signo previne contra uma tentativa de aplicação do princípio da circularidade a paráfrases em metalinguagem de signo.

### **Substantivos**

As reflexões realizadas em Beneduzi, Bugueño e Farias (2005) e Farias (2009a) permitiram-nos constatar que não é possível falar em uma técnica unitária para todos os substantivos. Inicialmente, seria necessário separá-los em dois grandes grupos: concretos e abstratos. Considerando apenas os substantivos concretos, seria possível estabelecer uma segunda separação entre os que permitem, sem maiores problemas, uma definição em metalinguagem de conteúdo, e os que exigem uma definição em metalinguagem de signo<sup>13</sup>.

No caso dos substantivos concretos passíveis de definição em metalinguagem de conteúdo, pode-se, simplesmente, aplicar a fórmula do *genus proximum + differentiae specifica*. O padrão sintático seria, portanto:

Substantivos concretos = Hiperônimo (Nome) + Especificador(es)
----------------------------------------------------------------

Os princípios essenciais de redação desse tipo de paráfrase são: (a) a aplicação à prova da substituição e (b) a manutenção da identidade de conteúdo intensional e extensional entre a *definiens* e *definiendum* (FARIAS, 2009c). Apresentamos a definição de *guitarra* como exemplo:<sup>14</sup>

<b>guitarra</b> <i>f</i> Instrumento musical eletrônico que possui um braço longo com seis cordas que vibram ao serem tocadas pelos dedos.
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<sup>13</sup> Trataremos dos substantivos concretos definíveis em metalinguagem de signo a seguir.

<sup>14</sup> As definições apresentadas dentro dos retângulos foram criadas *ad hoc* para este trabalho.

Os substantivos abstratos de ação podem ser subdivididos de acordo com o aspecto dos verbos dos quais derivam. Dessa forma, os substantivos derivados de verbos que indicam incoação<sup>15</sup> são classificados como *ato*; os que se originam de verbos cursivos<sup>16</sup> são classificados como *processo*, e, finalmente, os que se originam de verbos resultativos<sup>17</sup> são classificados como *efeito*. Assim, “ato”, “efeito” e “processo” foram os hiperônimos selecionados para a redação das paráfrases definidoras (BENEDUZI; BUGUEÑO; FARIAS, 2005). O padrão sintático dos substantivos abstratos seria o seguinte:

Substantivos abstratos de ação = Hiperônimo (“Ação de” / “Processo de” / “Efeito de”)  
+ Especificador(es)

Apresentamos os exemplos a seguir:

**partida** *f* 1 ato de ir-se [alguém / algo].

**crescimento** *m* 1 processo de desenvolvimento de [alguém / algo]. 2 efeito do desenvolvimento de [alguém / algo].

## Verbos

Considerando que a paráfrase assumirá uma forma diversa de acordo com a transitividade do verbo em questão (LANDAU, 2001; SECO, 2003), o principal problema relacionado com a formulação das paráfrases definidoras dessa classe de palavras é a indicação da valência. A valência de um verbo diz respeito à sua capacidade de “abrir casas” para preenchimento por termos (sujeito e complementos) (NEVES, 2000). Em Farias (2009c), são previstos três segmentos microestruturais para a alocação da informação sobre a valência verbal: (a) no segmento dedicado à marcação da categoria morfológica, por meio de uma abreviatura, (b) no segmento correspondente à definição, através da indicação dos complementos verbais na paráfrase definidora, e (c) no segmento

<sup>15</sup> A incoação indica mudança de estado e, conseqüentemente, começo de um novo estado (TRAVAGLIA, 1981). Por essa razão, o aspecto incoativo, muitas vezes, confunde-se com o inceptivo, que é caracterizado por apresentar a situação em seu ponto inicial ou seus primeiros momentos (TRAVAGLIA, 1981).

<sup>16</sup> De acordo com Travaglia (1981), o aspecto cursivo caracteriza-se pela apresentação da situação em pleno desenvolvimento, ou seja, já tendo passado seus primeiros momentos, mas sem, contudo, ter atingido seus últimos momentos.

<sup>17</sup> De acordo com Travaglia (1981, p.48-49), é possível encontrar dois tipos de resultatividade: a “resultatividade 1” ou “permansividade”, que indica um estado resultante de uma situação dinâmica que já foi concluída, e a “resultatividade 2”, que indica a conclusão de uma situação, ao se atingir o seu ponto terminal.

destinado aos exemplos para a produção<sup>18</sup>, no qual os actantes devem aparecer explicitamente em uma oração.

Tendo em vista a elaboração de um modelo preliminar para as paráfrases de verbos, partiremos da proposta de Beneduzi, Bugueño e Farias (2005). Nesse trabalho, foram apresentados critérios que possibilitariam obter as qualidades apontadas por Martínez de Souza (1995, s.v. *definición lingüística*) na redação das definições de verbos: (a) para obter a concisão, as definições devem apresentar um único período, com linguagem acessível ao consulente, trazendo as informações que não fazem parte da definição propriamente dita sob a forma de contorno<sup>19</sup>, (b) para obter a abrangência, as definições devem construir-se com um verbo transitivo (ou, ainda, um verbo suporte) e seus complementos, e (c) a circularidade é obtida através da formulação de uma definição que respeite o isomorfismo morfológico e, dessa forma, permita a substituição da palavra entrada pela paráfrase definidora. Levando em conta os critérios apresentados, obtemos dois modelos sintáticos básicos para a elaboração das paráfrases dos verbos:

Verbos intransitivos = Verbo transitivo / Verbo suporte + Complementos

Verbos transitivos<sup>20</sup> = Verbo transitivo / Verbo suporte (+ Complementos) + [Valência do signo-lema]

No caso dos verbos intransitivos, os complementos apresentados fazem parte da definição. Por outro lado, no caso dos verbos transitivos, o uso de colchetes para marcar a valência indica que esse elemento não é pertinente ao conteúdo semântico da definição, mas corresponde ao comentário de forma. A fim de se evitar a sobrecarga de informações na paráfrase definidora, a marcação da actância deveria restringir-se aos objetos direto e indireto, bem como ao complemento circunstancial, nas situações em que se exige.<sup>21</sup>

<sup>18</sup> Sobre a distinção estabelecida entre exemplos para a compreensão (que cumprem a função de tentar tornar mais clara a significação) e exemplos para a produção (que cumprem a função de apresentar o contexto sintático da unidade definida), confira Farias (2008).

<sup>19</sup> Em Beneduzi, Bugueño e Farias (2005), define-se *contorno* como um elemento que não faz parte da definição propriamente tal, mas que é fundamental para a sua inteligibilidade. Tais elementos desempenham uma função semântica na paráfrase definidora. Em Seco (2003), por outro lado, o termo *contorno* fica restrito à marcação das valências, apresentando caráter eminentemente sintático.

<sup>20</sup> O modelo sintático das paráfrases de verbos transitivos é igualmente aplicável a verbos que exigem complemento circunstancial.

<sup>21</sup> A indicação do sujeito deve ser feita apenas quando este se limita a uma única entidade. Um exemplo seria o verbo *prevaricar*, em espanhol. Para esse verbo, DUEE (2001, s.v. *prevaricar*, ac.2) oferece a definição "*Faltar un empleado público a la justicia en las resoluciones propias de su cargo, conscientemente o por ignorancia*

**morrer** *vi* perder a vida.

**chutar** *vt* dar pontapés em [algo / alguém].

**arcar** *vi* ~ **com** assumir a responsabilidade por [algo].

## Adjetivos

Demonte (1999) define os adjetivos como termos que atribuem determinadas propriedades aos substantivos com os quais se combinam. As propriedades que os adjetivos são capazes de atribuir permitem a sua classificação em dois grandes grupos: qualificativos e relacionais. Os adjetivos qualificativos expressam um traço constitutivo, ou, em outras palavras, uma única propriedade do substantivo ao qual acompanham, ao passo que os adjetivos relacionais expressam um conjunto de propriedades, estabelecendo relações entre os substantivos aos quais se referem e outros âmbitos externos a eles. Tendo em vista as diferenças essenciais entre as duas categorias de adjetivos discriminadas por Demonte (1999), percebe-se que apenas para os adjetivos qualificativos é possível gerar definições em metalinguagem de conteúdo. Um padrão redacional básico para as paráfrases de adjetivos qualificativos é:

Adjetivos qualificativos = [Restrição de atribuição] + Oração subordinada adjetiva

A seguir, apresentamos exemplos de definições redigidas segundo o modelo proposto:

**supersônico** *adj* **1** [velocidade] que é superior à do som. **2** [aeronave] cuja velocidade é superior à do som.

## Advérbios

De acordo com Martínez de Souza (1995, s.v. *definición lingüística*), os advérbios, de um modo geral, admitem definições em metalinguagem de conteúdo. Nesses casos, os advérbios são parafraseados por meio de uma locução ou oração adverbial:

---

*inexcusable*", na qual o segmento "un empleado público", embora não apareça marcado, corresponde à indicação do sujeito.

Advérbios = Locução / Oração adverbial

A seguir, apresentamos exemplos de advérbios temporais e modais cuja paráfrase pode seguir o modelo redacional proposto acima:

**anteontem** *adv* no dia anterior ao de ontem.

**precisamente** *adv* de modo exato.

No que diz respeito aos verbos terminados em *-mente*, o padrão sintático pode ser ainda mais específico. Assim, pois, seguindo o modelo da paráfrase proposta para *precisamente*, o padrão redacional para essa categoria de advérbios pode ser:

Advérbios modais = “de modo” + Adjetivo

### ***Padrão sintático das paráfrases em metalinguagem de signo<sup>22</sup>***

As paráfrases em metalinguagem de signo, como vimos, não se deixam submeter à prova da substituição. Além disso, é muito difícil, nesse caso, adequar os padrões sintáticos propostos a princípios específicos, como ocorre com as paráfrases por metalinguagem de conteúdo.

### ***Substantivos***

Em Farias (2009c), chamou-se a atenção para o fato de que nem todos os substantivos concretos podem ser definidos por meio de uma paráfrase em metalinguagem de conteúdo. A capacidade de poder ou não ser definido por meio de uma paráfrase intensional parece estar determinada por fatores que ainda não são bem conhecidos, mas se refletem nos limites semanticamente imprecisos que muitas paráfrases apresentam.

Neste ponto da discussão, retomaremos a distinção de Geeraerts (2001) entre extensão como designação e extensão como categorização. Considerando a extensão como um problema de designação de um referente extralinguístico, podemos distinguir três categorias de substantivos. Na primeira categoria, estão os substantivos concretos que podem ser definidos

---

<sup>22</sup> Em razão do espaço, não serão tratados os problemas e soluções para os padrões sintáticos das paráfrases de conjunções, preposições, artigos, pronomes e interjeições, classes gramaticais que requerem, via de regra, definições em metalinguagem de signo.

tanto por meio de uma paráfrase intensional como por meio de uma paráfrase extensional (por exemplo, *cadeira*, *pessoa* e *guitarra*). Já na segunda e na terceira categorias, encontram-se os substantivos concretos para os quais uma paráfrase intensional não constitui uma solução completamente satisfatória. A segunda categoria é a das unidades léxicas que denominam uma entidade extralinguística particular. A terceira categoria, por sua vez, é a das unidades léxicas cujo conteúdo semântico pode ser atribuído a diferentes referentes, por existir uma coincidência parcial do ponto de vista sememático. O padrão sintático, nesses casos, pode ser:

Substantivos (perspectiva: extensão como designação) = “Nome” / “Designação” / “Expressão” + “para (referir-se a) [alguém / algo]”

A seguir, apresentamos exemplos para a segunda e a terceira categoria de substantivos, respectivamente:

**Todo-poderoso** *m* Nome usado para referir-se a Deus.

**chiqueiro** *m* Nome usado para referir-se a um lugar muito sujo.

No que concerne à extensão como categorização, as unidades léxicas analisadas dentro deste segundo grupo também apresentam a propriedade de designação, o que, aliás, é uma condição intrínseca à natureza dos substantivos. Por essa razão, consideramos as duas perspectivas complementares. O que difere as unidades léxicas incluídas nesse segundo grupo das demais é o fato de que elas ocupam uma posição de hiperonímia dentro de uma classificação taxonômica. O padrão sintático proposto para a formulação das definições desse grupo de palavras, evidentemente, viola o princípio da prova da substituição. Encontramo-nos, contudo, diante de um fato ontológico da linguagem que, para efeitos lexicográficos, deve ser marcado na paráfrase definidora da seguinte forma:

Substantivos (perspectiva: extensão como categorização) = “Nome dado a / com que se designa” / “Designação para” + Hiperônimo (Nome) + Especificador(es) +  
(*Expoentes da categoria*)

Oferecemos um exemplo a seguir:

**baga** *f* Nome dado aos frutos de pele fina, polpa carnosa e macia e com várias sementes pequenas no seu interior, como o *mamão*, o *tomate* e a *uva*.

## **Adjetivos**

Em conformidade com o exposto *ad supra*, para os adjetivos relacionais, que denotam um conjunto de propriedades, é necessário formular definições em metalinguagem de signo. A redação das paráfrases, nesse caso, deve obedecer à seguinte estrutura:

Adjetivos relacionais = [Restrição de atribuição] + “Relativo a” + Sintagma nominal

Abaixo, apresentamos um exemplo da aplicação dessa fórmula definatória:

**vocal** *adj* [algo] relativo à voz humana.

## **Advérbios**

Martínez de Souza (1995, s.v. *definición lingüística*), não obstante acredite que grande parte dos advérbios aceita definições em metalinguagem de conteúdo, reconhece, por outro lado, que há advérbios, como *sim* e *não*, para os quais seria muito difícil elaborar definições intensionais. Em casos assim, seria necessário recorrer a paráfrases em metalinguagem de signo indicadoras de uso, as quais, normalmente, apresentam formulações semelhantes às seguintes:

Advérbios = “Expressa” / “Usa-se para expressar” + Noção expressa

As paráfrases de *sim* e *não* poderiam, portanto, ser formuladas, respectivamente, como:

**sim** *adv* Expressa afirmação / consentimento.

**não** *adv* Expressa negação / recusa.

## **Os modelos semânticos subjacentes (?) à formulação das paráfrases definidoras**

Segundo Jakobson (2008), uma das funções da linguagem é a metalinguística, que reflete sobre a própria linguagem. Intimamente ligada a essa, encontra-se a função fática, que tem por objetivo manter expedito o canal da comunicação. Cada vez que um indivíduo, em uma situação de interação, não compreende a significação de uma unidade léxica, a comunicação, obviamente, se interrompe.

Manifestado o fato, o falante precisa explicar, ou parafrasear, o que o seu interlocutor não compreendeu. Paralelamente, ele também pode lançar mão de outros sistemas semióticos para reparar o “defeito” na comunicação. Assim, por exemplo, se alguém fala que só escreve com caneta tinteiro e o receptor não sabe o que é uma caneta tinteiro, então o emissor necessita explicar o que é uma caneta tinteiro. Caso veja que a explicação não basta, poderá, ainda, tomar uma caneta tinteiro e compará-la, por exemplo, com uma caneta esferográfica. Nessa situação, encontramos dois mecanismos explanatórios análogos àqueles usados na tarefa lexicográfica: o primeiro consiste em uma paráfrase explanatória propriamente dita, e o segundo corresponde a uma substituição ostensiva. Chegamos, dessa forma, a duas conclusões:

- a) qualquer tentativa explanatória só tem sucesso se o receptor (ou consulente, no caso do dicionário) compreende o conteúdo da paráfrase. Há, portanto, um problema de cálculo em relação à utilidade das informações;
- b) o emissor (ou redator, no caso do dicionário) dispõe de mais de um sistema semiótico para tornar compreensível aquilo que não foi entendido, e, dentro de um mesmo sistema semiótico, diversos recursos (como o viés extensional de uma definição, por exemplo).

Dizer que a semântica é uma disciplina da linguística que estuda o significado das palavras é correto, mas insuficiente para a lexicografia. Nesse âmbito, há pelo menos dois aspectos que são tão importantes como a reflexão sobre a natureza do significado de um signo linguístico: (a) gerar um instrumento heurístico que permita acessar o significado e (b) tornar essa informação acessível ao usuário. Trata-se de objetivos complementares, mas claramente diferenciados. Em Mel'čuk (1984-1999), encontramos um dicionário cujo aparato heurístico permite oferecer um panorama exaustivo sobre o comportamento sintático-semântico de alguns tipos de unidades léxicas da língua francesa, mas que resulta muito complexo até mesmo para o especialista, que, aliás, constitui o seu público-alvo. Diante disso, evidencia-se a necessidade de se oferecer uma informação ainda mais acessível quando o usuário é o público geral, não especializado. Em Bugueño Miranda e Farias (2006), por exemplo, demonstrou-se que muitos segmentos da microestrutura têm pouca ou, mesmo, nenhuma utilidade para o potencial consulente do dicionário. Em se tratando de um dicionário geral, a clareza das informações é um fator absolutamente central.



## **Um modelo semântico como mecanismo heurístico para apreensão e explicitação do significado**

No âmbito das pesquisas sobre a definição lexicográfica, é recorrente o estabelecimento de correspondências entre técnica definitória e teoria semântica<sup>23</sup>. São duas as principais teorias semânticas que costumam servir de suporte para o desenvolvimento dos estudos sobre a definição lexicográfica: a primeira, de cunho estruturalista, corresponde à análise componencial do significado, e a segunda, localizada no âmbito da linguística cognitiva, é a semântica prototípica, ou mais especificamente, a teoria dos protótipos.

A análise componencial implica na decomposição do significado em traços semânticos distintivos, denominados semas (POTTIER, 1977). Tal análise é levada a cabo por meio da comparação estabelecida entre os co-hipônimos e o hiperônimo, objetivando encontrar um conjunto de traços com os quais se possa descrever cada um dos co-hipônimos, diferenciando-o dos demais (BUSSMANN, 1983, s.v. *Komponentenanalyse*; DUPUY-ENGELHARDT, 1995; HILTY, 1997; HARTMANN; JAMES, 2001, s.v. *componential analysis*). O significado de uma dada unidade léxica está circunscrito a uma língua funcional,<sup>24</sup> sendo determinado essencialmente pelos limites estabelecidos no interior do campo semântico correspondente, e não pela referência à entidade do mundo real designada pelo signo em questão (ENGELBERG; LEMNITZER, 2004).

A teoria dos protótipos, por sua vez, nasceu como uma reação ao modelo das condições necessárias e suficientes. Os primeiros trabalhos de Eleanor Rosch, psicóloga cujos estudos serviram de base para o desenvolvimento da teoria dos protótipos, procuraram demonstrar que as categorias não são compostas por membros detentores do mesmo status, como preconizava a teoria das condições necessárias e suficientes, mas, ao contrário, há membros dentro de uma categoria que são julgados como mais centrais que outros<sup>25</sup>. Essa assimetria, chamada de efeito de centralidade ou de prototipicidade, pode ser exemplificada pela categoria *mamífero*, da qual *vaca* e *cabra* são membros mais prototípicos do que *baleia* e *morcego*. O protótipo é, pois, o membro considerado como o mais representativo de uma categoria. Em se tratando de uma teoria baseada no experimentalismo psico-cognitivo, fica evidente que se extrapola o âmbito estritamente linguístico (significado) e passa-se à esfera do conhecimento extralinguístico (referente).

---

<sup>23</sup> A esse respeito, confira Weinrich (1979), Hartmann e James (2001, s.v. *definition style*) e Engelberg e Lemnitzer (2004).

<sup>24</sup> Língua funcional é uma variedade interna da língua histórica, delimitada diacrônica (variação no decorrer do tempo), diatópica (variação no espaço geográfico), diastrática (variação de estratos sócio-culturais da comunidade linguística, o que inclui as gírias, por exemplo) e diafasicamente (variação nos níveis de fala, como por exemplo, coloquial, familiar, literário, poético). A esse respeito, confira Coseriu (1967, 2004b).

<sup>25</sup> Uma síntese das pesquisas realizadas por Eleanor Rosch é apresentada em Lakoff (1990).

Dessa forma, a organização dos conceitos e de suas designações é feita com base na apreensão do mundo pelo indivíduo (HILTY, 1997; ENGELBERG; LEMNITZER, 2004).

### **Correspondência entre teorias semânticas e técnicas definitórias**

A distinção entre a análise componencial, por um lado, e a teoria dos protótipos, por outro, reflete, em certa medida, a oposição fundamental entre “significado” (linguístico) e “referente” (extralinguístico). Essa oposição fundamental, por sua vez, é a que rege as clássicas distinções realizadas entre “dicionário de língua” e “dicionário enciclopédico”, por um lado, e “definição lexicográfica” e “definição enciclopédica”, por outro (REY, 1977; HAENSCH et al., 1982; LANDAU, 2001; ENGELBERG; LEMNITZER, 2004).

A oposição entre “significado” (linguístico) e “referente” (extralinguístico) também está na base da distinção entre “intensão” (conjunto dos traços semânticos distintivos que conformam o semema de uma dada entidade linguística) e “extensão” (conjunto de entidades extralinguísticas designadas por um dado conceito). Em outras palavras, é possível estabelecer uma relação entre a análise componencial e uma “compreensão intensional do significado”, bem como de uma relação entre a teoria dos protótipos e uma “compreensão extensional do significado”. Isso possibilita, pelo menos em um primeiro momento, estabelecer uma correspondência entre a análise componencial e as definições por *genus proximum + differentiae specificae*, e entre a teoria dos protótipos e as *whole-sentence definitions*.<sup>26</sup>

Ressaltamos, no entanto, que não é possível comprovar se a redação das paráfrases definidoras nos dicionários está, de fato, respaldada por uma teoria semântica. Em Farias (2009b), por exemplo, demonstrou-se que, pelo menos no que diz respeito à definição dos substantivos, salvo pelo fato de que as *whole-sentence definitions* apresentam-se formalmente como uma sentença completa, não há uma grande diferença entre o resultado final obtido pelo emprego de uma ou outra técnica definitória.

Os problemas encontrados nos dicionários de língua são de duas ordens: (a) de redação das paráfrases definidoras e (b) de insuficiência do modelo semântico (caso tenha sido adotado um).

---

<sup>26</sup> A título de ilustração, poder-se-ia comparar as definições de *candy* em OALD (2005) e em CCLDe (2003) apresentadas anteriormente. A primeira corresponde a uma formulação por *genus proximum + differentiae specificae*, e a segunda, a uma *whole-sentence definition*.

## **Problemas na formulação das paráfrases definidoras**

No que concerne às definições por *genus proximum + differentiae specifica*, as falhas na formulação decorrem da inserção inapropriada de informações enciclopédicas (relacionadas com a entidade extralinguística) nas paráfrases. Em muitos casos, essas informações são completamente desnecessárias, já que não contribuem para ajudar o leitor a compreender o significado da unidade léxica definida, como nos exemplos a seguir:<sup>27</sup>

**abacaxi** [...] 1. Bras. Angol. Bot. Planta da família das bromeliáceas (*Ananas sativus*), cultivada ou selvagem, cuja parte comestível é infrutescência carnosa resultante do crescimento e da coalescência de todas as flores da inflorescência. Tanto a infrutescência como o caule encerram uma enzima proteolítica que pode ter o mesmo emprego que a papaína. [...] (AuE, 2009, s.v. *abacaxi*).

**fruit** [...] 3 [...] *Fruit* (2°) comestible, lorsqu'il est sucré, que l'on consomme généralement au dessert, parfois comme accompagnement (canard à l'orange, porc aux pruneaux, dinde aux marrons, etc.). (PProbE, 2001, s.v. *fruit*).

Em relação às *whole-sentence definitions*, estas, por sua vez, deveriam distinguir-se das definições analíticas não somente por sua formulação em forma de sentença completa, mas também por apresentarem um viés extensional. O viés extensional pode transparecer através de uma indicação de ordem pragmática<sup>28</sup>, ou da apresentação de elementos prototípicos. Os elementos prototípicos, por sua vez, podem aparecer sob a forma de enumerações dos membros mais típicos de uma categoria<sup>29</sup>, ou ainda sob a forma de informações enciclopédicas, referentes à entidade extralinguística<sup>30</sup>. Assim, pois, em relação às *whole-sentence definitions*, a principal falha detectada é a ausência de elementos de caráter extensional (ou prototípicos), quando estes poderiam ser perfeitamente empregados, ajudando na elucidação do significado. Comparemos, por exemplo, duas definições de *insect*, retiradas de dois diferentes dicionários da linha *Collins COBUILD*:<sup>31</sup>

---

<sup>27</sup> Os grifos são nossos.

<sup>28</sup> Por exemplo, em "**polite** [...] 2 *You can refer to people who consider themselves to be socially superior and to set standards of behaviour for everyone else as **polite society** or **polite company***." (CCLDe, 2003, s.v. *polite*).

<sup>29</sup> Por exemplo, em "**sweet** [...] 2 *Sweets are small sweet things such as toffees, chocolates, and mints*. [...]" (CCLDe, 2003, s.v. *sweet*).

<sup>30</sup> Por exemplo, em "**soap** [...] 1 *Soap is a substance that you use with water for washing yourself or sometimes for washing clothes*." (CCLDe 2003, s.v. *soap*).

<sup>31</sup> Os grifos são nossos.

**insect** [...] An **insect** is a small animal that has six legs. Most insects have wings. *Ants, flies, butterflies, and beetles are all insects.* (CCLDe, 2003, s.v. *insect*).

**insect** [...] An **insect** is a small creature whit six legs. Most insects have wings. (CcLD, 2004, s.v. *insect*).

Ambas as definições compreendem pelo menos duas partes claramente distinguíveis: na primeira, apresentam uma paráfrase que enumera os traços intrínsecos à categoria definida, e, na segunda, apresentam um elemento virtuemático. Além disso, a definição oferecida em CCLDe (2003, s.v. *insect*) ainda apresenta uma terceira parte de caráter extensional, onde são listados os membros mais prototípicos da categoria. Esse terceiro elemento acrescido à definição é bastante importante para ajudar o consulente a entender o que é *insect*, podendo, inclusive, em se tratando da técnica de redação em questão, corresponder à definição propriamente dita. O fato de que CCLDe (2003, s.v. *insect*) apresente esse elemento prototípico com sucesso na definição põe em destaque a falha detectada em CcLD (2004, s.v. *insect*).

### **Limitações dos modelos semânticos (em relação à elaboração das paráfrases definidoras)**

Um modelo teórico, seja ele qual for, sempre aborda somente um aspecto de determinado problema, muito embora não ignore os demais. A semântica estrutural, no âmbito da qual tem lugar a análise componencial do significado, pretende ser uma teoria “limpa”, ou seja, procura desconsiderar o referente (plano extralinguístico), para lidar apenas com o significado (plano linguístico). Dessa forma, de acordo Geeraerts (2001, p. 14), “[...] no âmbito de uma concepção estruturalista de semântica, isto [*sc.* o uso de elementos prototípicos nas definições] seria inadmissível, porque esses elementos são mais concernentes ao nível enciclopédico do que ao nível semântico.”<sup>32</sup>

Segundo a concepção saussuriana, o signo linguístico é uma união indissolúvel entre significante e significado (SAUSSURE, 2002). Em conformidade com Ogden e Richards (1956), um dos componentes do significado é, precisamente, o referente. Dessa forma, o triângulo básico proposto pelos referidos autores restitui ao signo linguístico algo que lhe é inerente.

Ullmann (1964) propôs uma adaptação na terminologia empregada por Ogden e Richards (1956), posto que, para ele, não interessava a simbolização em geral, mas a definição do significado das palavras. Assim, pois, sugere-se, em substituição aos

---

<sup>32</sup> [Within a structuralist conception of semantics, this [*sc.* o uso de elementos prototípicos nas definições] would be inadmissible, because these elements belong to the ‘encyclopedic’ level rather than the semantic level].

termos símbolo [*symbol*], pensamento / referência [*thought / reference*] e referente [*referent*], utilizados por Ogden; Richards (1956), os termos nome [*name*], sentido [*sense*] e coisa [*thing*], respectivamente (ULLMANN, 1964). Ullmann (1964) alerta para o fato de que o linguista deve concentrar sua atenção no lado esquerdo do triângulo, ou seja, na relação entre nome e sentido.

Por fim, Coseriu (2004a) distingue o que ele denomina “níveis de funcionalidade”, “estratos do significar” ou “tipos de conteúdo linguístico”, que são três: “designação”, “significado” e “sentido”. A distinção desses três níveis de funcionalidade está diretamente relacionada com a distinção dos três níveis da linguagem, a saber, universal, histórico e individual, tendo em vista que “A linguagem é uma atividade humana *universal* que se realiza *individualmente*, mas sempre segundo técnicas *historicamente* determinadas (‘línguas’).” (COSERIU, 2004a, p. 91, grifo nosso). Assim, pois, a “designação” corresponde ao nível universal, o “significado”, ao nível histórico, e o “sentido”, ao nível individual. A “designação”, de acordo com Coseriu (2004a), é a referência à realidade, ou, dito de outra forma, a relação estabelecida entre uma dada expressão linguística e um “estado de coisas”. Já o “significado” corresponde ao conteúdo de um signo delimitado no interior de uma determinada língua. Por fim, o “sentido” é um conteúdo linguístico particular, que se exprime em um texto particular e é determinado por meio de e além da designação e do significado.<sup>33</sup>

A fim de centrar a discussão no âmbito da lexicografia, mencionamos a proposta de Rey (1977), que adapta o triângulo de Ogden e Richards (1956) à definição. A partir do esquema proposto por Rey (1977), podemos inferir que, ao mesmo tempo em que a definição lexicográfica procura descrever um significado, ela também aponta, ainda que indiretamente, a um referente extralinguístico. Desse modo, é possível afirmar que as definições formuladas intensionalmente a partir da soma dos semas que constituem o semema da unidade definida devem permitir reconhecer o referente no mundo extralinguístico. Cabe, por fim, salientar que, neste caso, o termo “extensão” está atrelado à capacidade de reconhecer um dado objeto no mundo.

Não obstante, ademais de poder ser evocado na correspondência da paráfrase com uma entidade extralinguística, o referente ainda aparece algumas vezes de forma explícita nas definições. Aliás, é preciso admitir que, em muitos casos, o uso de elementos extralinguísticos, seja na forma de enumerações, seja na forma de elementos virtuemáticos ou enciclopédicos, pode ser uma valiosa ferramenta de auxílio à compreensão do significado. Em defesa desse argumento, citamos, por exemplo, Werner (1984), para quem a análise componencial como suporte teórico para a formulação das paráfrases definidoras, embora seja aplicável de forma

---

<sup>33</sup> Para um aprofundamento da discussão acerca desse problema, confira também Matus (1993), Vega (1993) e Casas Gómez (1995, 2002).

irrepreensível em muitos casos, não apresenta resultados satisfatórios em outros tantos. Isso, segundo o autor, deve-se ao fato de que algumas unidades léxicas são extremamente difíceis ou, simplesmente, não podem ser descritas por meio de expressões linguísticas, razão pela qual algumas definições possuem elementos que correspondem ao conhecimento sobre a “coisa” (WERNER, 1984). Zgusta (1971, p.254-257), por sua vez, sustentava que as definições de termos técnicos e unidades léxicas que designam plantas e animais, por exemplo, “[...] tendem a tornar-se enciclopédicas ou, ao menos, conter alguns elementos enciclopédicos.”<sup>34</sup> A dificuldade de estabelecer uma separação total entre significado e referente é apontada também por outros autores, a exemplo de Bosque (1982), Cruse (1988), Stati (1995) e Burke (2003).

Considerando, portanto, que uma definição é bem sucedida na medida em que consegue ser suficientemente elucidativa para o consulente, o uso de elementos de caráter extralinguístico nas paráfrases por *genus proximum + differentiae specifica*, a nosso ver, é, muitas vezes, inevitável, como nos exemplos a seguir:<sup>35</sup>

**muleta** [...] **3** *Taurom. Palo con un paño rojo sujeto a él por una de sus orillas, con el que el torero trastea al toro.* (DUE, 2001, s.v. *muleta*)

**Obst** [...] *die mst süßen u. saftigen Früchte (von Bäumen u. Sträuchern), die man (roh) essen kann, wie z.B. Äpfel, Bananen od. Pfirsiche* [...] (LaGWDaF, 2008, s.v. *Obst*)

Por sua vez, no que diz respeito especificamente à aplicação da teoria dos protótipos à técnica das *whole-sentence definitions*, a análise realizada em Farias (2009b) permitiu-nos constatar duas restrições fundamentais. Com relação à representação da prototipicidade através da enumeração de membros da categoria definida, quanto mais hiperonímica for a unidade léxica definida, mais fácil será gerar definições que apresentem um elemento prototípico. Consequentemente, quanto mais hiponímica for a unidade definida, mais improvável será gerar *whole-sentence definitions* com esta característica. A comparação das seguintes definições ilustra esse problema:

**human being** [...] *A human being is a man, woman, or child.* [...] (CCLDe, 2003, s.v. *human being*).

**man** [...] **1** *A man is an adult male human being.* [...] (CCLDe, 2003, s.v. *man*).

**woman** [...] **1** *A woman is an adult female human being.* [...] (CCLDe, 2003, s.v. *woman*).

---

<sup>34</sup> [tend to become encyclopedic, or at least to contain some encyclopedic elements].

<sup>35</sup> Os grifos são nossos.

**child** [...] **1** A **child** is a human being who is not yet an adult. [...] (CCLDe, 2003, s.v. *child*).

Com relação à representação da prototipicidade através da indicação de elementos virtuemáticos e enciclopédicos, o sucesso desse procedimento esbarra nas limitações que a própria língua impõe, dado que algumas palavras, por sua própria natureza, são muito difíceis de definir. Landau (2001), por exemplo, aponta, entre outras, as unidades pertencentes a nomenclaturas (tais como *soldado, cabo, sargento, tenente, capitão, major, coronel, general, marechal*) como itens com os quais as *whole-sentence definitions* não funcionam bem. A constatação de Landau (2001) coincide, em parte, com os resultados obtidos em Beneduzi, Bugueño e Farias (2005), que apontam, além das unidades léxicas que se incluem em taxonomias fechadas, os nomes de animais, plantas e frutos como palavras complicadas de definir, mesmo quando se trata de definições analíticas. Nesses casos, as paráfrases geradas, desconsiderando o fato de que constituem uma oração completa, são (como não poderiam deixar de ser) idênticas às definições formuladas sob o princípio de *genus proximum + differentiae specificae*:

**apple** [...] An **apple** is a round fruit with a smooth skin and firm white flesh. (CCLD, 2004, s.v. *apple*).

**captain** [...] **1** In the army, navy, and some other armed forces, a **captain** is an officer of middle rank. [...] (CCLDe, 2003, s.v. *captain*).

**kilogram** [...] A **kilogram** is a metric unit of weight. One kilogram is a thousand grams, and is equal to 2.2 pounds. (CCLD, 2004, s.v. *kilogram*).

A análise esboçada permitiu-nos chegar à seguinte síntese no que tange ao estabelecimento de uma correlação entre teoria semântica e técnica definitória:

- a) a análise componencial, como teoria semântica subjacente à redação das paráfrases definidoras, nem sempre se revela suficiente. Na tentativa de elucidar o significado de uma palavra, o referente extralinguístico, em muitos casos, não pode ser completamente ignorado. Em outras palavras, parece difícil estabelecer uma separação radical entre significado e referente, ou entre plano linguístico e extralinguístico, quando se trata da geração de paráfrases definidoras;
- b) a teoria dos protótipos, por sua vez, tampouco é capaz de resolver satisfatoriamente todos os problemas encontrados no momento de redigir as paráfrases definidoras. Como vimos, há um grande número de palavras que, pela sua própria natureza, não se deixam definir por meio de elementos prototípicos, de modo que, nesses casos, faz-se necessário recorrer a outros métodos definitórios.

Sendo assim, podemos assumir que uma correlação entre teoria semântica e técnica definitória nem sempre é verificável, isso por duas razões:

- i) muitas vezes, não se nota uma preocupação explícita da obra lexicográfica em utilizar uma determinada teoria semântica para respaldar as suas decisões metodológicas no momento de redigir as definições;
- ii) mesmo quando é possível identificar uma teoria semântica como base para a formulação das definições, os resultados obtidos, pelas razões expostas, não são completamente satisfatórios.

## **Considerações finais**

A definição lexicográfica, conforme procuramos demonstrar, engloba diferentes aspectos, devendo, portanto, ser considerada sob diversos pontos de vista concomitantemente, a fim de que seja possível apreendê-la em sua totalidade.

O trabalho tinha como objetivo propor os princípios que deveriam sustentar uma teoria da definição lexicográfica. Para tanto, em primeiro lugar, expusemos os parâmetros para uma classificação das paráfrases definidoras segundo a perspectiva do ato da comunicação adotada e a metalinguagem empregada. A taxonomia proposta permitiu-nos refletir sobre a diversidade de mecanismos linguísticos (e, inclusive, não linguísticos) que a (meta)lexicografia dispõe para a explicitação do conteúdo semântico das unidades léxicas. Em segundo lugar, formulamos modelos sintáticos para a redação de paráfrases em metalinguagem de conteúdo e em metalinguagem de signo. As propostas, apesar de seu caráter ainda experimental, possibilitaram oferecer uma visão geral acerca da necessidade de se gerar padrões distintos de redação, tendo em vista não somente as diferentes classes gramaticais, como também a natureza diversa das unidades léxicas dentro de uma mesma classe. Finalmente, em terceiro lugar, analisamos a possível relação entre técnica definitória e teoria semântica. A discussão realizada apontou indícios suficientes para fazer supor que, de fato, em alguns casos, existe uma correlação entre uma teoria semântica e a técnica definitória empregada. Entretanto, não é possível comprovar essa afirmação de forma incontestável.

Em síntese, as questões tratadas indicam que boa parte dos problemas relacionados com a definição lexicográfica carece de uma resposta minimamente satisfatória. Isso decorre não somente da ausência, até o momento, de uma teoria geral da definição, mas também (e principalmente) da carência de estudos sobre a natureza dos próprios signos linguísticos, o que é essencial para que se possa passar à descrição do seu (suposto) conteúdo semântico. Dessa forma, poder-se-ia arriscar a dizer que o desenvolvimento de uma teoria da definição lexicográfica depende diretamente de um estudo acerca da natureza do significado das palavras, que, tradicionalmente, subdividem-se em lexicais e gramaticais (BUGUEÑO MIRANDA; FARIAS, 2010).



A obtenção de paráfrases elucidativas depende, portanto, (a) da obediência a determinados princípios de formulação e (b) da natureza do objeto definido. Diante disso, sustentamos que uma teoria da definição lexicográfica deveria desenvolver-se no marco de uma teoria geral dos mecanismos explanatórios. Isso viabilizaria prever mecanismos de explanação do significado alternativos à paráfrase definidora, como exemplos (FARIAS, 2008) e ilustrações (FARIAS, 2010). Esses mecanismos alternativos poderiam ser empregados nos casos em que uma descrição linguística, devido à natureza do objeto definido, não consegue ser suficientemente elucidativa.

## Agradecimentos

Parte deste trabalho é produto de um período de pesquisa junto ao Romanisches Seminar da Universidade de Heidelberg e financiada pelo Katholischer Akademischer Ausländer-Dienst (Bonn/Alemanha). Agradeço, particularmente, ao Prof. Dr. Jens Lüdtke pelo convite e pelas interessantes discussões sobre teorias semânticas.

BUGUEÑO MIRANDA, F.; FARIAS, V. S. Principles for the development of a theory of the lexicographic definition. *Alfa*, Araraquara, v.55, n.1, p.31-61, 2011.

- *ABSTRACT: Word definition is the main type of information sought in semasiological dictionaries, thus playing the most important role within the microstructure of such works. However, despite numerous studies that deal with the problem of word definition under the most diverse perspectives, there is not a “general theory of the lexicographic definition”. It is possible to identify two key issues which, in part, help explain this gap in the framework of lexicographical research. Firstly, it is very difficult to define what is meant by ‘meaning’. Secondly, the metalexigraphy offers a wide range of possibilities for rewriting the semantic content of lexical units. Accordingly, this study sets forth the principles for developing a theory of the lexicographic definition, by presenting and discussing three basic parameters: (a) a taxonomy of explanatory paraphrases, (b) the syntactic patterns to write the explanatory paraphrases, and (c) the semantic models.*
- *KEYWORDS: Lexicography. Lexicographic definition. Taxonomy of paraphrases. Syntactic pattern. Semantic model.*

## REFERÊNCIAS

BALDINGER, K. Alphabetisches oder begrifflich gegliedertes Wörterbuch? In: ZGUSTA, L. (Hrsg.). *Probleme des Wörterbuchs*. Darmstadt: WBG, 1985. p.40-57.

BENEDUZI, R.; BUGUEÑO, F.; FARIAS, V. Avanços na redação de um dicionário de falsos amigos espanhol-português. *Lusorama*, Frankfurt am Main, n.61/62, p.195-219, 2005.

BIDERMAN, M. T. C. A definição lexicográfica. *Cadernos do Instituto de Letras*, Porto Alegre, n.10, p.23-43, 1993.

BOSQUE, I. Sobre la teoría de la definición lexicográfica. *Verba*, Santiago de Compostela, v.9, p.105-123, 1982.

BUGUEÑO MIRANDA, F. Para uma taxonomia de paráfrases explanatórias. *Alfa*, São Paulo, v.53, n.1, p.243-260, 2009.

\_\_\_\_\_. Notícia sobre o comentário de forma e comentário semântico em um dicionário de falsos amigos espanhol-português. *Expressão*, Santa Maria, v.8, n.1, p.89-93, 2004.

BUGUEÑO MIRANDA, F.; FARIAS, V. S. Sobre las palabras y su clasificación según su contenido. Los problemas para el lexicógrafo. *Revista de Filología de la Universidad de La Laguna*, La Laguna, 2010. En evaluación.

\_\_\_\_\_. Panorama crítico dos dicionários escolares brasileiros. *Lusorama*, Frankfurt am Main, n.77/78, p.29-78, 2009.

\_\_\_\_\_. Informações discretas e discriminantes no artigo léxico. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, n.18, p.115-135, 2006.

BURKE, S. M. The design of online lexicons. In: STERKENBURG, P. (Ed.). *A practical guide to lexicography*. Amsterdam: John Benjamins, 2003. p.240-249.

BUSSMANN, H. *Lexikon der Sprachwissenschaft*. Stuttgart: Alfred Kröner, 1983.

CASAS GÓMEZ, M. *Los niveles del significar*. Cádiz: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Cádiz, 2002.

\_\_\_\_\_. Implicaciones léxicas de los niveles del significar. In: HOINKES, U. (Hrsg.). *Panorama der lexikalischen Semantik*. Tübingen: Narr, 1995. p.101-112.

COSERIU, E. Criatividade e técnica linguística. Os três níveis da linguagem. In: \_\_\_\_\_. *Lições de linguística geral*. Tradução de Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 2004a. p.91-100.

\_\_\_\_\_. A língua funcional. In: \_\_\_\_\_. *Lições de linguística geral*. Tradução de Evanildo Bechara. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 2004b. p.101-117.

\_\_\_\_\_. Sistema, norma y habla. In: ALONSO, D. (Ed.). *Teoría del lenguaje y lingüística general*. Cinco estudios. 2. ed. Madrid: Gredos, 1967. p.11-113.

CRUSE, A. D. Word meaning and encyclopedic knowledge. In: HÜLLEN, W.; SCHOLZE, R. (Ed.). *Understanding the lexicon*. Meaning, sense, and world. Tübingen: Max Niemeyer, 1988. p.73-83.

DEMONTTE, V. El adjetivo: Clases y usos. La posición del adjetivo en el sintagma nominal. In: BOSQUE, I.; DEMONTTE, V. (Ed.). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe, 1999. p.129-215.

DUPUY-ENGELHARDT, H. Zur Beschreibung lexikalischer Bedeutung. In: HOINKES, U. (Hrsg.). *Panorama der lexikalischen Semantik*. Tübingen: Narr, 1995.

ENGELBERG, S.; LEMNITZER, L. *Lexikographie und Wörterbuchbenutzung*. 2. Aufl. Tübingen: Stauffenburg, 2004.

FARIAS, V. S. O emprego de ilustrações como mecanismos de elucidação do significado das unidades léxicas nos dicionários semasiológicos. In: ENCONTRO DO CÍRCULO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO SUL, 9., 2010. *Anais...* Palhoça: Ed. da UNISUL, 2010. p.1-19. No prelo.

\_\_\_\_\_. Considerações sobre a redação das glosas em um dicionário de falsos amigos espanhol-português. *Voz das Letras*, Concórdia, n.11, p.1-18, 2009a. Disponível em: <<http://www.nead.uncnet.br/2009/revistas/letras/11/2.pdf>>. Acesso em: 30 jan. 2009.

\_\_\_\_\_. *Whole-sentence definition versus definição por genus proximum + differentiae specifica*: um contraste entre duas técnicas definitórias. *Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v.17, n.1, p.73-100, 2009b.

\_\_\_\_\_. *Desenho de um dicionário escolar de língua portuguesa*. 2009. 285f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009c.

\_\_\_\_\_. O exemplo como informação discreta e discriminante em dicionários semasiológicos de língua portuguesa. *Alfa*, São Paulo, v.52, n.1, p.101-122, 2008. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/1469/1174>>. Acesso em: 15 set. 2010.

GEERAERTS, D. Meaning and definition. In: STERKENBURG, P. (Ed.). *A practical guide to lexicography*. Amsterdam: John Benjamins, 2003. p.83-93.

\_\_\_\_\_. The definitional practice of dictionaries and the cognitive semantic conception of polysemy. *Lexicographica*, Tübingen, v.17, p.6-21, 2001.

GLÜCK, H. (Hrsg.). *Metzler lexikon sprache*. 3. Aufl. Stuttgart: Metzler, 2005.

HAENSCH, G. et al. *La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982.

HANKS, P. Definitions and explanations. In: HARTMANN, R. R. K. (Ed.). *Lexicography: critical concepts III*. London: Routledge, 2003. p.191-206.

HARTMANN, R. R. R. *Teaching and researching lexicography*. London: Longman, 2001.

\_\_\_\_\_.; JAMES, G. *Dictionary of lexicography*. London: Routledge, 2001.

HAUSMANN, F. J. Das Definitionswörterbuch. In: HAUSMANN, F. J. et al. (Hrsgn.). *Wörterbücher, dictionaries, dictionnaires: ein internationales handbuch zur lexikographie*. Berlin: Walter de Gruyter, 1989. p.981-988.

HAUSMANN, F. J.; WIEGAND, H. E. Component parts and structures of general monolingual dictionaries: a survey. In: HAUSMANN, F. J. et al. (Hrsgn.). *Wörterbücher, dictionaries, dictionnaire: ein internationales handbuch zur lexikographie*. Berlin: Walter de Gruyter, 1989. p.328-360.

HILTY, G. Komponentenanalyse und Prototypensemantik. In: HOINKES, U.; DIETRICH, W. (Hrsgn.). *Kaleidoskop der lexikalischen semantik*. Tübingen: Narr, 1997. p.63-69.

JACKSON, H. *Lexicography: an introduction*. London: Routledge, 2002.

JAKOBSON, R. Linguística e poética. In: \_\_\_\_\_. *Linguística e comunicação*. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 22.ed. São Paulo: Cultrix, 2008. p. 118-162.

LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1990.

LANDAU, S. *Dictionaries: the art and craft of lexicography*. 2.ed. Cambridge: CUP, 2001.

LARA, L. F. *Teoría del diccionario monolingüe*. México: El Colegio de México; Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 1996.

LEW, R. New ways of indicating meaning in electronic dictionaries: hope or hype? In: INTERNATIONAL SYMPOSIUM ON LEXICOGRAPHY AND L2 TEACHING AND LEARNING, 1., 2009. *Proceedings...* Shanghai: Shanghai Commercial Press, 2009. No prelo. Disponível em: <[http://www.staff.amu.edu.pl/~rlew/pub/Lew\\_New\\_ways\\_of\\_indicating\\_meaning.pdf](http://www.staff.amu.edu.pl/~rlew/pub/Lew_New_ways_of_indicating_meaning.pdf)> Acesso em: 27 jul. 2010.

MANDEL, D. *Onomasiologische und semasiologische betrachtungen in der lexikologie unter Berücksichtigung der kognitiven Aspekte*. München: GRIN Verlag, 2001.

MARTÍNEZ DE SOUZA, J. *Diccionario de lexicografía práctica*. Barcelona: Bibliograf, 1995.

MATUS, A. Para una semántica integral. In: MATUS, A. et al. (Org.). *Linguística hoy: algunas tendencias*. Santiago de Chile: Universidad Católica de Chile, 1993. p.11-27.

- MEL'ČUK, I. *Dictionnaire explicatif et combinatoire du français contemporain: recherches lexico-sémantiques*. Montréal: Les Presses de l'Université de Montréal, 1994-1999. 4v.
- NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2000.
- OGDEN, C. K.; RICHARDS, I. A. *The meaning of meaning*. 8.ed. New York: Routledge; Kegan Paul Ltd., 1956.
- POTTIER, B. A definição semântica nos dicionários. In: LOBATO, L. M. P. (Org.). *A semântica na linguística moderna: o léxico*. Tradução de Maria Ângela Botelho Pereira. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977. p.21-31.
- REY, A. *Le lexique: images et modèles. Du dictionnaire à la lexicologie*. Paris: Armand Colin, 1977.
- RUNDELL, M. More than one way to skin a cat: why full-sentence definitions have not been universally adopted. In: FONTENELLE, T. (Ed.). *Practical lexicography: a reader*. Oxford: OUP, 2008. p.197-209.
- SAUSSURE, F. de. *Curso de lingüística general*. Traducción de Mauro Armiño. Madrid: Akal, 2002.
- SCHLAEFER, M. *Lexikologie und lexikography: eine einföhrung am beispiel deutscher wörterbücher*. Berlin: Erich Schmidt Verlag, 2002.
- SECO, M. *Estudios de lexicografía española*. 2.ed. Madrid: Gredos, 2003.
- STATI, S. Le definizioni lessicografiche. In: PANTEALONI, L.; KOWARSKI, L. S. (Ed.). *Sapere linguistico e sapere enciclopedico*. Bologna: Cooperativa Libreria Universitaria Editrice Bologna, 1995. p.159-164.
- SVÉNSEN, B. *Practical lexicography: principles and methods of dictionary-making*. Oxford: OUP, 1993.
- THUMB, J. *Dictionary look-up strategies and the bilingualised learner's dictionary*. Tübingen: Max Niemeyer, 2004.
- TRAVAGLIA, L. C. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. Uberlândia: Ed. da UFU, 1981.
- ULLMANN, S. *Semantics: an introduction to the science of meaning*. Oxford: Basil Blackwell, 1964.
- ULRICH, W. *Wörterbuch linguistischer begriffe*. 5.ed. Berlin: Gebrüder Borntraeger, 2002.
- VEGA, O. Una aproximación al modelo lexemático de Eugenio Coseriu. In: MATUS, A. et al. (Org.). *Lingüística hoy: algunas tendencias*. Santiago de Chile: Universidad Católica de Chile, 1993. p.75-88.

WEINRICH, H. A verdade dos dicionários. In: VILELA, M. (Org.). *Problemas da lexicologia e lexicografia*. Tradução de Mário Vilela. Porto: Livraria Civilização, 1979. p.314-337.

WERNER, R. Semasiologische und enzyklopädische definition im wörterbuch. In: GOETZ, D.; HERBST, T. (Hrsgn.). *Theoretische und praktische probleme der lexikographie*. München: Max Hueber, 1984. p.382-407.

WIEGAND, H. E. Der begriff der mikrostruktur: geschichte, probleme, perspektiven. In: HAUSMANN, F. J. et al. (Hrsgn.). *Wörterbücher, dictionaries, dictionnaires: ein internationales handbuch zur lexikographie*. Berlin: Walter de Gruyter, 1989. p.409-462.

ZGUSTA, L. *Manual of lexicography*. Prague: Academia; The Hagen: Mouton, 1971.

## REFERÊNCIAS LEXICOGRÁFICAS

[AuE]. FERREIRA, A. B. de H. *O novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 4.ed. Curitiba: Positivo, 2009.

[CcLD]. *Collins Cobuild compact english learner's dictionary*. Glasgow: HarperCollins; São Paulo: Disal, 2004.

[CCLDe]. SINCLAIR, J. (Ed.). *Collins Cobuild advanced learner's dictionary*. Glasgow: HarperCollins, 2003.

[DILE]. ELIZALDE, M. I.; LEPE, M. S. *Diccionario ilustrado de la lengua española*. 3. ed. Santiago de Chile: Zig-Zag, 2003.

[DRAEe]. REAL Academia Española. *Diccionario de la lengua española*. 22. ed. Madrid: Espasa Calpe, 2001. Disponível em: <<http://buscon.rae.es/draeI/>>. Acesso em: 13 set. 2010.

[DUEAe]. VOX. *Diccionario de uso del español de América y España*. Barcelona: SPES Editorial, 2003.

[DUEe]. MOLINER, M. *Diccionario de uso del español*. Madrid: Gredos, 2001.

[HouE]. INSTITUTO Antônio Houaiss. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

[LaGWDaF]. GOETZ, D.; HAENSCH, G.; WELLMANN, H. *Langenscheidt Großwörterbuch deutsch als fremdsprache*. Berlin: Langenscheidt, 2008.

[OALD]. HORNBY, A. S. (Ed.). *Oxford advanced learner's dictionary*. 7.ed. Oxford: Oxford University Press, 2005.

[PCDIt]. *Parola chiave*: dicionario di italiano per brasiliani. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

[PRobE]. *Nouveau Petit Robert*: dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française. Paris: Le Robert, 2001.

Recebido em setembro de 2010.

Aprovado em novembro de 2010.

